

FRED PACHECO

**A FORÇA
DAS ESCOLHAS**

DESCUBRA COMO AS DECISÕES
PODEM CONSTRUIR A FELICIDADE

)|(Academia

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

Homenagens.....	6
Prefácio.....	13
Introdução.....	15

PARTE 1 – A VOCAÇÃO DO FILHO

1 Somos o que amamos.....	21
2 Deus faz do jeito Dele.....	33
3 Caminhar com Deus é caminhar melhor.....	43

PARTE 2 – A QUEDA DE UM FILHO

4 Quando o orgulho prevaleceu.....	55
5 A cegueira impediu a bênção.....	65
6 Em busca da herança do Pai.....	73
7 Uma flor que nasce no deserto.....	87

PARTE 3 – A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

8	O anjo e o arado	107
9	Os “nãos” que curam	115
10	Depois da dor, o recomeço.....	133
	Notas.....	150
	Agradecimentos.....	151
	Uma conclusão	152
	Posfácio.....	156

INTRODUÇÃO

Por que resolvi escrever este livro? Uma pergunta aparentemente simples que deu sentido a tudo isso. Por onde canto a canção “Tudo é do Pai” escuto algum testemunho. É muito comum alguém me contar que passou por alguma experiência importante depois que conheceu essa música. Sim, porque uma música cristã não deve ser composta somente para emocionar, mas sobretudo para levar àquele que a escuta a ter uma experiência com Deus. E foram muitas. Depois dos shows que faço com a banda DOM, ou após usá-la em palestras ou pregações, é comum alguém me perguntar como a música surgiu. Já partilhei essa história algumas vezes, mas nunca havia tido inspiração para colocar isso tudo no papel. Até que um dia, minha esposa Ana insistiu depois de ter me ouvido contar rapidamente (quer dizer,

não tão rápido...) pela “enésima” vez a história para alguém que perguntou a origem da música:

“Frê (ela me chama assim, o que eu amo), você devia pensar melhor nisso. Você devia escrever esse testemunho, colocar essa inspiração em um papel. Você deveria responder a esse questionamento. Tenho certeza de que as pessoas que amam e cantam essa música vão gostar de saber como tudo começou. Creio que ela ganhará ainda mais sentido em seus corações”, disse, animada.

Ela estava certa. Então, motivado por esse impulso, um impulso amoroso, resolvi escrever e contar essa história de um *Pai* que ama muito seu filho. Um filho que, em determinado momento da vida, fez escolhas erradas, caiu, se arrependeu e voltou para casa...

* * *

MUITO MAIS DO QUE UMA CANÇÃO

Essa canção não nasceu somente em um momento de inspiração. Ela nasceu em um caminho de vida. Com muita lágrima derramada em uma fina folha de papel que recebeu os primeiros

rascunhos. Ela não tomou forma no primeiro dia. Não. Ela foi gestada pelo tempo.

Primeiro nasceu o refrão, a partir de uma decisão pessoal. Eu decidi sair de um marasmo espiritual, de um momento de depressão que eu estava vivendo. Havia um grito preso na garganta. Um grito de alguém que queria gritar, mas não sabia ao certo se alguém o escutaria.

“TUDO É DO PAI!”, eu gritei. “Tudo é de Deus! Eu sou Dele!”

Gritei para um *Pai* amoroso que me acolheu e me escutou. Minha voz teve sentido novamente. Saí da escuridão do quarto e do coração para gritar alto para Alguém que podia me ouvir. Alguém que podia novamente dar sentido à minha vida, ao meu canto, à minha voz.

O mais bonito é que quando ela ficou pronta, nunca achei que realmente estivesse. Não a sentia como uma canção. Era quase como um pequeno diário. Falava sobre alguém que havia tomado as mesmas decisões emocionais daquele filho mais novo citado na parábola do filho pródigo na Bíblia. Mais tarde descobri que eu fui ainda mais do que isso.

)|(Academia

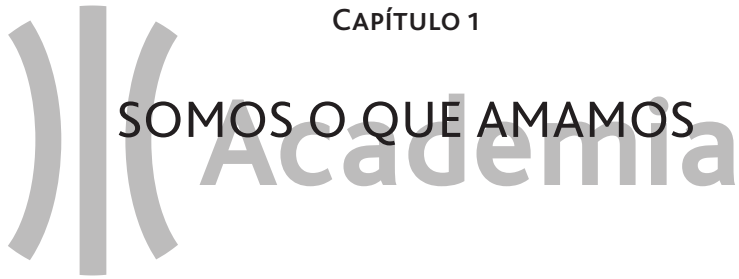
PARTE 1

)|(Academia
A VOCAÇÃO DO FILHO

)|(Academia

CAPÍTULO 1

SOMOS O QUE AMAMOS



)|(Academia

VOCÊ JÁ PENSOU EM IR MAIS LONGE DO QUE poderia? Dar um passo além do que sua razão lhe dizia? Quem nunca ao menos sonhou que poderia realizar algo mais complexo ou aparentemente difícil de acabar? Mas se você já fez isso, ou melhor, se todos já fizemos, seria interessante perguntar: por que fazemos?

Bem, acho que em alguns momentos na nossa caminhada nesta terra vamos além do que está confortável ou cômodo em nossa vida por três motivos. O primeiro e o segundo: ambição ou orgulho. É sério.

Ambição ou orgulho. Em grande ou menor escala. Mas quando estou otimista (e não é minha melhor característica) eu penso em uma terceira hipótese, no terceiro motivo.

Fazemos algo além porque temos *confiança*. Isso mesmo, confiança! Primeiro em Deus e depois em nós mesmos! Mas o que chama a essa terceira hipótese a que me refiro? O desafio. Fazer algo novo. Para quem não quer se desacomodar, ou acha que está “tudo bem, obrigado” e por isso não precisa sair de onde está, penso que ele, o desafio, não instiga e não promove mudança. Mas para quem tem dentro de si um sentimento que

procura mais saídas do que obstáculos, o desafio será como uma faísca em um pavio prestes a detonar uma bomba.

No meu caso, ou melhor, na minha motivação, o desafio chegou e eu fui tomado pelo segundo agente motivador descrito anteriormente. Aqui já conseguimos identificar o desvio inicial na conduta. O desafio deveria detonar o pavio da *confiança*, mas em vez disso foi motivado pelo *orgulho*. Isso mesmo. O orgulho. Uma necessidade instintiva de querer ser autossuficiente e melhor do que os outros à minha volta. Fui tentado a fazer as coisas do meu jeito, sem ouvir ou pedir opinião a ninguém. E mesmo quando eu pedia, a tentação de persuadir e conduzir meu ouvinte a responder do modo como eu queria ou com o que eu queria ouvir aparecia. Isso acontece com o orgulhoso. O orgulhoso não quer ouvir algo que não lhe pertence. O orgulhoso já sabe tudo, é dono de toda a situação e não se predispõe a ouvir e aprender com o outro. Esse sou eu.

Talvez você possa se perguntar: por que você está escrevendo que ainda *é* orgulhoso, e não diz que *era* orgulhoso?

Porque eu ainda não fui curado desse mal. Eu preciso vigiar sempre. O *orgulho* tomou conta do meu ser. Foi isso que escrevi na canção. O orgulho tomou conta de mim e ele é o espinho na minha carne que Paulo Apóstolo relatou em seu testemunho na segunda carta aos Coríntios, Capítulo 12, versículo 7:

E para que a grandeza das revelações não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me esbofetear, a fim de que eu não me torne orgulhoso.

Esse é o meu espinho. Paulo tinha o dele, e você deve ter o seu. É preciso conhecê-lo. Aqui eu o revelo a você que compartilha comigo um pouco da minha parábola. Um pouco da minha vida.

Fui desafiado a realizar algo. E aí quis fazer tudo do meu jeito. E aí fui alto demais. E o tombo também foi bem alto. E não foi legal. Como já dizia o trecho da canção “Holofotes” de um amigo querido, o compositor Bruno Camurati: “Ficar no alto pode ser legal, mas levar um tombo não é não!”.

É. Realmente cair do alto não é legal.

Mas eu subi e me orgulhei de onde cheguei. Por isso que as coisas deram errado para mim. Por isso caí no “fundo do poço” mental. Não foi literalmente uma queda física. Ela foi mental e espiritual. A depressão que chega e leva você para um labirinto de emoções negativas aparentemente sem saída. E se você não pedir (ou não aceitar) ajuda, será muito difícil sair.

A queda no tal “fundo do poço” mental começa quando achamos que não estamos tão próximos dele. Quando o subestimamos. Um exemplo que gosto de dar começa com uma pergunta: você sabe andar de bicicleta?

Eu aprendi a andar de bike ainda criança, e é claro que algumas quedas aconteceram enquanto eu aprendia, mas o acidente mais feio que tive ocorreu quando eu achava que sabia andar bem.

Durante toda a minha caminhada na igreja, achei que não cairia no tal “fundo do poço”, que eu não seria assim tão ingênuo e, principalmente, que não seria tão desobediente com Deus. Afinal, eu tinha (ou ao menos achava que tinha) um bom relacionamento com Ele.

* * *

O MENINO E O CHÃO

Um menino começa a subir em uma árvore alta. No meio do caminho começa a sentir medo porque vê que o desafio era maior do que ele inicialmente supunha. Mesmo assim, ele não desiste. A vontade de ir mais alto o convoca a ir mais longe. A chegar onde ele se desafiou. E o menino chega ao galho mais alto. Está ventando bastante. Os galhos rangem demonstrando sua incapacidade em ser mais forte do que o peso do garoto. Mas o galho não rompe. A árvore aguarda a decisão da criança, como quem pergunta o que ele realmente estava fazendo ali, assumindo o risco. O menino olha para baixo, contempla a altitude por alguns instantes. Vence o medo e olha para cima. Olha para o céu e sente-se vitorioso. Contudo, aquela vitória ainda não era suficiente. Ele quer ir além. Não há barreiras nem obstáculos. Ele chegou ao ponto mais alto e não está sozinho. Está acompanhado de seu orgulho e de sua ambição. Ainda não é o fim, porque o menino acredita que pode voar. Claro, se chegou tão longe o que o impediria de ir além?

E em um salto ele voa. E cai. O chão machuca. É duro, violento e decepcionante. Ele acaba com o sonho ingênuo do voo. Ele é real. Não apaga a

vitória da subida, mas devolve amargamente a realidade na queda. A realidade da vida.

* * *

VOCÊ JÁ SONHOU QUE PODIA VOAR?

Já pensou em ir além? Foi muito alto, muito além do que podia, tentou e caiu? E com a queda pensou ter fracassado? Eu já me senti assim. Em muitos momentos da minha história eu subi muito alto porque acreditava que podia ir além até mesmo das minhas crenças, mas a vida foi um chão duro e rude que me mostrou a realidade. Não tive e não tenho uma vida perfeita. Mas não desisto. Não me dou a chance de dizer que não posso fazer algo. Você que compartilha comigo um pouco da minha vida a partir dessa partilha que temos agora também não deve se permitir desistir. Não fomos feitos para a derrota.

Mesmo se o chão for duro demais, pense no caminho anterior que você fez. O menino da história limpou as feridas e sentiu-se feliz por ter conseguido subir ao topo. Não ficou dando muito valor para a queda. Ela apenas serviu para ensiná-lo o quão alto ele pode subir na próxima vez. E quanto a você? Quanto mais pode subir?

* * *

QUANDO TUDO COMEÇOU

No dia 9 de janeiro de 1975, dona Márcia deu à luz dois meninos. Gêmeos. Ficaram unidos durante sete meses na barriga da mamãe, compartilhando cada um seu pedacinho de espaço, tentando se acomodar melhor sem gerar tanto incômodo para a mamãe. E quem convivía com minha mãe dizia que sua barriga estava “quase maior do que ela”. Tudo bem que não é lá uma coisa muito difícil, afinal minha querida mãezinha não é da safra de mulheres de grande estatura. Mas o que não tem de tamanho, ela tem em coração. Tem um que quase não lhe cabe no peito.

O papai, o meu bom e velho Carlos, estava todo “prosa”! Claro! Afinal de contas não era comum para a família a chegada de gêmeos. Ele, um sujeito muito trabalhador, justo e humano já foi descansar com o Pai do céu. Não está mais por aqui. Não em corpo. Mas do meu coração, não sai. Tenho saudades de você, pai.

Na hora de escolher o nome dos garotos, coube à mamãe definir o daquele que nascesse primeiro. E foi meu irmão Marcio que primeiro deu

o “ar da graça” (mas, “pera lá”, deixa eu explicar logo que segundo a sabedoria popular e, claro, a explicação da minha mãe, eu sou o mais velho!). É isso mesmo! Minha mãe sempre disse que no caso de gêmeos bivitelinos (ou seja, que vêm de duas placentas) o mais velho é o que é gerado em primeiro lugar. Então, nesse caso fui eu, e não o meu irmão. Claro que já li muitas coisas a respeito que derrubam essa tese, mas não vou contestar minha mãe, não é mesmo?! Mãe sabe tudo e vou segurar essa afirmação até a morte! Até porque essa questão biológica não é tão importante agora. Voltemos ao nome dos garotos.

Coube à nossa mãe escolher o nome do primeiro. E logo veio a dona Márcia e chamou o pimpolho de Marcio. E ao papai coube a missão de escolher o meu nome: Frederico. Eu gosto muito desse nome. É bem verdade que todo mundo, mas todo mundo mesmo, só consegue me chamar de Frederico no máximo até a segunda chamada. Depois vira Fred. Não tem jeito. É automático. Outro dia pedi um café em uma cafeteria onde a balconista identifica o copo que será entregue ao cliente escrevendo o nome nele. A mocinha perguntou meu nome e eu disse

Frederico. Ela me olhou com cara de cansada e disse: “Pode ser Fred?”, concordei com uma cara de “e eu tenho escolha”?

Mas eu entendo. E hoje até me acostumei. No fim acho prático. Só não podia dizer isso na frente do meu pai. Ele sempre dizia que as pessoas estragavam meu nome quando o abreviavam. Mas isso era coisa do meu velho e lindo pai. Um grande homem, e hoje um grande anjo intercedendo por nós lá no céu.

Nós crescemos. Tínhamos dois anos quando nossa irmã Bianca chegou. Bianca. Ah, essa era espoleta. Tinha e ainda tem gênio forte e muita personalidade. É dona de um senso de humor incrível e de um coração gigante. Uma mulher e tanto. Maravilhosa a nossa Bia. E quando nós (os gêmeos) tínhamos 7 anos, mamãe nos deu mais um presente: Ariela, uma loirinha linda, doce e de olhos claros que iluminavam a casa. Seu nome bonito e incomum é uma homenagem ao nosso avô materno Ari: um bem-humorado torcedor do São Paulo F.C., que tinha uma risada gostosa que até hoje ecoa em meus ouvidos.

E com as dificuldades e alegrias peculiares de quem tem quatro filhos, os pais Carlos e Márcia

conduziram essa família e nos educaram com todo carinho, mostrando a cada dia o valor e a necessidade de sermos honestos e íntegros em nossa caminhada.

)|(Academia